

## VI. Diálogos (in) conclusos

*Eu vos digo: é preciso ter um caos em si, parar poder dar à luz uma estrela dançante. Eu vos digo: ainda tendeis um caos dentro de vós.*  
(Friedrich Nietzsche, *Genealogia da moral: uma polêmica*)

### 1.

A análise das estratégias utilizadas por Stephen Greenblatt, Hans Ulrich Gumbrecht e os experimentos da Harvard University Press, à luz das investigações do neurocientista António Damásio, permite tanto perceber o valor de seus pressupostos na produção de conhecimento em Histórias (Literárias), como avaliar a relevância da interação de reações afetivas em processos cognitivos. Suas abordagens foram ressignificadas a fim de oferecer um repertório teórico capaz de refletir a criatividade experimental daquelas produções em sintonia com a agenda de renovação existente desde a segunda metade do século XX na historiografia literária. O quadro de questionamentos existente, que englobava diferentes modelos de escrita, diversas abordagens e definições de literário, alternativos modos de classificação em períodos e em fronteiras geográficas, encontra um novo aspecto pelo potencial da interação de afetos em processos tidos como meramente intelectuais.

As investigações das Neurociências que enfatizavam a relação entre corpo, mente e ambiente, auxiliaram na compreensão das estratégias utilizadas nos experimentos analisados primeiramente, porque permitiram que acentos afetivos, nas práticas analíticas da História Literária, deixem de ser entendidos como uma manifestação metafísica ou individual, para adquirir explicações biológicas, sociais e culturais. Neste sentido, a captura dos afetos das leitoras na exposição *Reading Woman*, que serviu como moldura desta tese, auxilia tanto na visualização das investigações de Damásio sobre a capacidade do corpo reagir a eventos, imaginados ou não, como ferramenta biológica de preservação da vida, necessária na interação com o mundo, quanto na compreensão dos objetivos inovadores propostos por Greenblatt, por Gumbrecht e pelos experimentos da Harvard University Press. Enquanto Greenblatt e os experimentos se inspiram na capacidade dos textos de moverem seus leitores através da manipulação da linguagem, Gumbrecht se baseia na compreensão que afetos decorridos da materialidade de textos possuem

capacidade cognitiva por si mesma, sem precisar da mediação do historiador. Pautando-se, portanto, em estratégias diversas, enquanto Greenblatt explora o caráter discursivo da produção de conhecimento histórico, explicado pela proposta de “as-if body loop” (DAMÁSIO, 1999), Gumbrecht se baseia na coexistência de estruturas temporais para apostar em um tipo de leitura em busca de *Stimmung*, em que o entendimento de um objeto ocorra pela sua capacidade de afetação através do contato com sua materialidade, em sintonia com a concepção de afeto vinculado à necessidade de estímulos competentes (DAMÁSIO, 1996).

O relacionamento entre as investigações de Damásio com as propostas historiográficas analisadas oferece espaço de compreensão para a inserção de autorreflexões, seja ao relacionar textos literários com memórias de eventos passados, como Greenblatt ao ligar o poema de Lucrecio ao temor da morte criado pela sua mãe, seja ao mostrar as reações corporais, como Gumbrecht ao evocar sua experiência marcante das leituras de Shakespeare. Essas experiências emocionais, complexificadas pela interação de processos cognitivos, possibilitaram a exploração das reações afetivas nas produções de conhecimento histórico (literário).

A contemplação das diferentes estratégias utilizadas nos experimentos selecionados permite perceber que uma abordagem histórica do literário, para favorecer um entendimento contextual, não precisa ser contrária aos efeitos provocados pelo material. Tanto em Stephen Greenblatt quanto em Gumbrecht e nos experimentos da Harvard University Press a relação entre texto e contexto é ressignificada, sendo que Greenblatt concebe esta interação como construída na medida em que redes de significação são estabelecidas, incluindo a ligação entre leitor e texto. Dessa forma, determinados dados e eventos, que em uma perspectiva historiográfica mais tradicional seriam tidos como insignificantes, como a caligrafia de Poggio, passam a ter um papel relevante na forma como a contextualização é estabelecida. O estudioso ainda entende que grandes escritores são aqueles que conseguem manipular a energia social na sua literatura, dando vida aos seus personagens, que por sua vez, podem modificar relações sociais e culturais. Por outro lado, no presente das simultaneidades de Gumbrecht, a construção de explicações contextuais é uma forma de interpretação que não valoriza a capacidade de evocar realidades passadas dos materiais literários. Conseqüentemente, o conhecimento do contexto de produção está relacionado à sua própria materialidade, capaz de provocar afetos. Essas concepções aparecem nas histórias literárias publicadas pela Harvard University Press, uma vez que as redes de contextualização são construídas

através da busca por fatos e elementos que possam ressignificar o contato com o fenômeno analisado, possibilitando experiências de surpresa e inovação, semelhante à experiência estética.

Outro ponto de reflexão renovado por esta tese, foi a relação com estruturas temporais estabelecidas pelos dois teóricos, ocasionando modificações no modo de produzir conhecimento sobre realidades passadas. Enquanto Greenblatt recorre a recursos da imaginação literária para construir um relacionamento com múltiplas estruturas temporais a fim de propiciar o “toque de real”, que leva a reações afetivas, principalmente pela exploração de anedotas que concentram a energia social do período, Gumbrecht explicita as reações corporais diante de objetos como uma forma de conhecimento do passado, visível principalmente em seu método dos palpites intuitivos. Apesar de utilizarem abordagens opostas, ambos exploram alternativas às explicações de tipo causa e consequência na História, em favor da construção de conhecimento a partir de bases afetivas. Por esse motivo, Greenblatt pode enfatizar os acidentes que resultaram em determinado evento ou objeto, encadeados em redes de significações múltiplas e variáveis, enquanto Gumbrecht aposta na coexistência de diferentes estruturas temporais e experienciadas simultaneamente por um mesmo indivíduo.

Gumbrecht procurou trazer para perto afetos, emoções, sentimentos que podem emergir do contato com diversas materialidades do passado. Por seu lado, *A New Literary History of Modern China*, por exemplo, procura explorar essa noção de tempo como contingente, plural e multidimensional para provocar efeitos de surpresa pela imprevisibilidade do que será produzido em cada ensaio. Essa estratégia, portanto, diferentemente da utilizada por Gumbrecht, seria tornar distante um evento ou fenômeno, para que, a partir de um estranhamento inicial, sejam ativadas reações afetivas que auxiliam a chamar a atenção para esses elementos. A diferença nas duas abordagens é que, embora ambas privilegiem a integração de processos afetivos e cognitivos na produção de conhecimento, o teórico opta por trazer experiências do passado para o presente, num sentido de simultaneidade e proximidade, enquanto os experimentos da Harvard University Press privilegiam o imprevisível, procurando propiciar sensações de confronto, choques, embates entre realidades passadas e sua compreensão no presente. Essas últimas historiografias literárias exploraram exatamente esses investimentos nos acidentes e nas experiências do passado através das datas que funcionam como pontos focais, em que convergem estruturas temporais diversas, ao mesmo tempo que mantém a perspectiva de singularidade dos eventos ou objetos analisados.

A noção de “to conjure up” é evocada nas pesquisas de Damásio, quando ele explicita a dependência do desenvolvimento de culturas aos afetos do corpo (DAMÁSIO, 2018, p. 143), mas igualmente aparece em Greenblatt para explicar o poder da literatura de dar vida pela linguagem a objetos e pessoas ausentes (GREENBLATT, 2001, p. 3) e em Gumbrecht na elucidação de sua proposta de presentificar o ano de 1926 pela descrição de eventos, fenômenos e objetos daquele período. Podendo ser traduzido como invocação, este termo também se refere à ação de dar existência, frequentemente por mágica, a objetos. Sendo necessário o contato com um indutor de emoção, Greenblatt e Gumbrecht destacam o poder de textos literários de invocar realidades passadas, mas, de maneiras diferentes, os três pesquisadores ressaltam a capacidade de afetos de impulsionar a vida. Nesse sentido, demonstra-se a operacionalidade de reações corporais na própria produção de conhecimento, em que as Neurociências serviam como orientação para sistematizar a presença do corpo nos Estudos de Literatura e de História, assim como nas práticas de historiografia (literária).

## 2.

Como explicita António Damásio, o conhecimento consciente do mundo envolve a criação de padrões mentais sobre um objeto ao mesmo tempo em que o cérebro gera uma imagem do próprio corpo na interação (DAMÁSIO, 2000). Nesse âmbito, as chamadas experiências subjetivas são derivadas de processos biológicos complexos que envolvem o papel de observador de segunda ordem, aquele que se observa no ato da observação, interagindo com um objeto e com o ambiente circundante. Como minha proposta parte do pressuposto que reações afetivas inconscientes fazem parte da produção de conhecimento, torna-se válido observar as reações de meu corpo na interação com as leituras e com a rotina de pesquisa, não apenas como forma de aplicar meus pressupostos, mas precisamente pela importância dessa observação em minha jornada. Portanto, além de sintetizar as principais ideias apresentadas ao longo da tese, tenho por objetivo explicitar meus encontros com os argumentos que foram apresentados, baseando-me principalmente na perspectiva de que a meditação sobre a importância de afetos e sentimentos possibilita a “construção futura de uma visão dos seres humanos mais correta do que a atual, uma visão que levará em conta todo o espetacular progresso que se tem feito nas ciências sociais, nas ciências cognitivas e na biologia” (DAMÁSIO, 2004, p. 16).

A dificuldade dessa tarefa reside nos modos de tornar experiências aparentemente pessoais em pontos de reflexão para diálogos, ainda que inconclusos, sobre produção de conhecimentos em historiografias literárias. Por um acaso da vida, o cruzamento das experiências de leituras com experiências pessoais permitiu que eu pudesse visualizar com maior clareza os argumentos do modelo teórico que propunha, principalmente a partir do momento que meu corpo passou a reagir negativamente à minha própria pesquisa. Retomo a primeira epígrafe desta tese, que inicia pelo questionamento do filósofo Friedrich Nietzsche sobre como tornar sensíveis a vida presente em seu livro para quem não tenha sofrido experiência análoga.

Para Damásio (2004), reações afetivas têm por funcionalidade regular a vida e, por isso, toda experiência é acompanhada por um grau de emoção, que são transformadas em imagens mentais, criando um repertório de respostas automáticas do corpo para futuras interações (DAMÁSIO, 2004, p. 169). Dessa maneira, as emoções têm capacidade avaliativa dos ambientes e objetos percebidos pelos sentidos do corpo. No caso da minha pesquisa de doutorado, meu corpo passou a avaliá-la negativamente, o que se tornou perceptível pelos sinais visíveis em meu corpo como, por exemplo, franzir o cenho toda a vez que ligava o computador<sup>1</sup>, logo após o falecimento de meu pai.

A reação inicial de ignorar minhas emoções em uma rotina de estudos rígida se mostrou insuficiente, porque meu corpo constantemente mapeava a minha ação como danosa para a minha vida, uma vez que ela trazia para a memória implícita aquele fato doloroso. Isso se refletia na minha escrita confusa, na dificuldade de concentração e na impossibilidade de desenvolver argumentos complexos, aspectos necessários para a atividade que estava desempenhando. Nesse mesmo período, a proposta de prestar atenção aos afetos foi questionada em sua relevância pelas emoções negativas que sentia e buscava esconder, na constante busca de cumprir os prazos estabelecidos, comprometendo as análises dos pressupostos de Stephen Greenblatt e Hans Ulrich Gumbrecht. O exame das suas propostas sobre percepção temporal igualmente foi dificultada pelo destaque dado aos acasos e acidentes que fazem parte do conhecimento histórico. Inconscientemente, minha reação diante de um acaso na vida pessoal foi tentar controlar os fortuitos acontecimentos da minha vida. Dessa forma, ao mesmo tempo em que fui compreendendo os argumentos utilizados nas propostas historiográficas daqueles estudiosos, além da possibilidade de as conectar com as Teorias de Literatura e de História

---

<sup>1</sup> Só tive consciência dessa reação pelas observações de meu marido, que sempre falava para eu parar com aquela “expressão de sofrimento”.

e com as Neurociências, fui percebendo que os eventos da vida ultrapassam a linearidade da causa e consequência. A interação entre meu corpo, meu ambiente e minhas atividades mentais mudaram de dinâmica quando as reações corporais passaram a ser incorporadas na minha produção de conhecimento. Assim, o cotejamento das emoções surgidas nos contatos com os argumentos teóricos, principalmente daqueles que mais se relacionavam com a minha própria experiência, permitiu perceber que acasos acontecem e, portanto, é preciso sentir nossas emoções a fim de que elas possam cumprir seu papel fundamental: ajudar na regulação da vida.

O ponto de viragem no desenvolvimento dos argumentos foi marcado pela conscientização das minhas próprias reações afetivas, a partir do momento em que elas foram vivenciadas e sentidas em toda a sua potência, em vez de permanecer na tentativa frustrada de ignorá-las. A insuficiência do refúgio em processos cognitivos, sanada quando complementada pelo acento aos afetos sentidos, explicitou a necessidade de rever minha própria prática de pesquisa, fazendo com que as reações corpóreas na produção de conhecimento deixassem de ser apenas um argumento, para serem decisivos para o desenvolvimento desta tese. Em outras palavras, através do entrelaçamento entre as análises e os argumentos descritos, juntamente com a experiência vivida em meu próprio corpo, os pressupostos teóricos deixaram de ser palavras no papel para adquirirem uma substância real e reveladora.

Ao aprender que, além de olhar para meu objeto de análise, era necessário olhar para mim mesma, por mais doloroso que fosse, a explicitação de reações afetivas nas pesquisas de Stephen Greenblatt, de Hans Ulrich Gumbrecht e dos experimentos da Harvard University Press adquiriram novos contornos.

### 3.

A relevância da elaboração de um modelo teórico para abarcar experimentos existentes parte do entendimento de teoria, proposto pelo teórico Jonathan Culler, como aquela que

faz desejar o domínio: você espera que a leitura teórica lhe dê conceitos para organizar e entender os fenômenos que o preocupa. Mas a teoria torna o domínio impossível, não apenas porque há sempre mais para saber, mas, mais especificamente e mais dolorosamente, porque a teoria é ela própria o questionamento dos resultados presumidos e dos pressupostos sobre os quais elas se baseiam. A natureza da teoria é desfazer (CULLER, 1999, p. 24).

A avaliação das propostas selecionadas nesta tese permitiu desfazer os pressupostos existentes que, ao meu ver, estavam em descompasso com a criatividade oferecida. Nesse sentido, para construir essa perspectiva da interação entre afetos e cognição, foi necessário dialogar com pressupostos basilares dessas propostas, não para oferecer um novo domínio para aqueles fenômenos, mas precisamente para propor novas alternativas. Além disso, por ter como objeto de estudo processos afetivos inconscientes, torna-se impossível acreditar que qualquer domínio seja possível. De qualquer forma, pela natureza original de relacionamento entre Neurociências e Histórias Literárias, alguns aspectos merecem maior desenvolvimento, como, por exemplo, a própria participação corporal do pesquisador na produção de conhecimento. Além disso, a seleção de experimentos a serem analisados, focando somente em produções situadas no contexto norte-americano, pode ser expandida em futuras investigações para contemplar outras propostas.

A reflexão teórica sobre a interação de afetos e cognição, no meu caso pessoal, foi fundamental para que eu aprendesse a lidar com meus sentimentos, em vez de continuar me escondendo deles. Fui me desfazendo e refazendo. Relato minhas experiências pessoais porque foram elas que me permitiram olhar para a teoria sem ser pelo domínio, mas para poder me relacionar com as pesquisas e com o mundo sem temer as reações inconscientes e imprevisíveis dos nossos corpos. Viver esse caos, quando tinha um esquema de pesquisa previamente estabelecido, foi bastante doloroso. No entanto, talvez Nietzsche tenha razão, talvez seja necessário ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela dançante.